

# Turismo y Responsabilidad Social

Edición Especial

ISSN: 2183-0800

[www.isce-turismo.com](http://www.isce-turismo.com)



Volume 12 | Número 1 | Março 2019 [21<sup>a</sup>. edição]  
Volume 12 | Number 1 | March 2019 [21<sup>st</sup> edition]  
Volumen 12 | Número 1 | Marzo 2019 [21<sup>a</sup> edición]



## TURISMO GASTRONÔMICO E CONTROLE ADUANEIRO NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E ARGENTINA

122

**Paola Stefanutti**

Instituto Federal do Paraná - IFPR, Brasil

**Viviane da Silva Welter**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Brasil

**Valdir Gregory**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Brasil

Stefanutti, P., Welter, V. S. & Gregory, V. (2019). Turismo gastronômico e controle aduaneiro na fronteira entre Brasil e Argentina. *Tourism and Hospitality International Journal*, 12(1), 122-138.

## Resumo

A Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina com suas respectivas cidades Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú, possui fluxos de pessoas, capitais e mercadorias visivelmente instituídos, sendo que na Argentina a principal atração fica por conta da gastronomia local. O turismo gastronômico tem sido fabricado por meio de pacotes de viagens, mídias sociais e revistas especializadas ao destacarem a consumação de jantares em Puerto Iguazú, regado à produtos construídos como típicos, ou ainda, visita aos comércios gastronômicos para aquisição de produtos locais. Para que o turismo ocorra é necessário o deslocamento, e o cruzar a fronteira pode ser facilitado, como é o caso da aduana brasileira, ou não, como ocorre na aduana argentina, praticamente blindando a fronteira. Com base neste contexto, objetiva-se discutir como mecanismos de controle imbricados em relações de poder podem gerar interferências ao turismo em Puerto Iguazú, e conseqüentemente em Foz do Iguaçu. A metodologia baseou-se em revisão bibliográfica e observação participante realizada durante a coleta de dados da dissertação de uma das autoras, referentes à insatisfação com a espera nas filas; frustração e desistência; cobrança de taxas para sair de Puerto Iguazú; discursos de que deveria ser solicitada documentação dos argentinos na aduana brasileira, como aos brasileiros é solicitada na aduana argentina. Espera-se que este estudo possa fomentar a discussão de que o controle de pessoas em aduanas pode interferir diretamente nas atividades econômicas de cidades fronteiriças, dentre estas, o turismo e a gastronomia.

**Palavras-chaves:** Turismo, Fronteira, Gastronomia, Aduana

## Abstract

The Triple Frontier between Brazil, Paraguay and Argentina with its respective cities Foz do Iguacu, Ciudad del Este and Puerto Iguazú has flows of people, capital and commodities visibly instituted, and in Argentina the main attraction the focus is the local gastronomy. Gastronomic tourism has been constructed through travel packages, social media and specialized magazines highlighting the consummation of dinners in Puerto Iguazú, irrigated with products built as typical, or visit to the gastronomic shops to purchase local products. For tourism to take place, displacement is necessary, and crossing the border can be facilitated, as is the case with Brazilian customs, or not, as is the case with Argentine customs, practically shielding the frontier. Based on this context, the objective is to discuss how control mechanisms embedded in power relations can generate interference to tourism in Puerto Iguazú, and consequently in Foz do Iguacu. The methodology was based on a bibliographical review and participant observation made during the data collection of the dissertation of one of the authors, referring to the dissatisfaction with waiting in the queues; frustration and withdrawal; charge of fees to leave Puerto Iguazú; discourse that should be requested documentation of Argentines in Brazilian customs, as to Brazilians is requested at the Argentine customs. It is hoped that this study may encourage the discussion that the control of people at customs can directly interfere in the economic activities of border cities, among them, tourism and gastronomy.

**Keywords:** Tourism, Frontier, Gastronomy, Customs

## Introdução

A Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina com suas respectivas cidades Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú está situada em um território singular que tem atraído grande interesse acadêmico e científico, sendo a mais populosa das nove tríplices fronteiras existentes no Brasil, possuindo diversos atributos naturais, de engenharia moderna, comércio internacional e diversidade cultural.

Este conjunto de características contribui para a popularidade desta região fronteiriça que desperta a atenção por sua histórica receptividade de diversos imigrantes, como: os eurobrasileiros que chegaram no período da Marcha para o Oeste; brasileiros oriundos dos mais diversos estados atraídos durante a construção da Usina de Itaipu; estrangeiros de inúmeros países que vieram para trabalhar em Ciudad del Este. Junta-se a este cenário, múltiplo em sua essência, a expressiva quantidade de turistas recebida anualmente, que ultrapassou 1,5 milhão de visitantes em 2014<sup>1</sup>.

Este contexto positivo contribuiu para a articulação proposital de diversas imagens: a) a construção da memória de Foz do Iguaçu vocacionada para o turismo (Souza, 2009); b) a construção da imagem da Tríplice Fronteira como um território cosmopolita devido à presença de diversas etnias em Foz do Iguaçu; c) povo da Tríplice Fronteira hospitaleiro e convivendo em harmonia; e d) a construção da imagem e comercialização da localização geográfica da Tríplice Fronteira como única, em que o turista pode tomar um café da manhã variado nos hotéis de Foz do Iguaçu, almoçar em um shopping no Paraguai após as compras, visitar os atrativos durante a tarde e finalizar o dia com um jantar na Argentina tendo como prato principal um *bife de chorizo*<sup>2</sup>.

No que compete às vocações turísticas, estas já estão bem demarcadas. Do lado brasileiro consomem-se dois principais pontos turísticos - as Cataratas do Iguaçu, sendo instituída como Patrimônio Natural da Humanidade em 1986 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e a Usina Hidrelétrica de Itaipu, considerada a maior hidrelétrica em produção de energia do mundo.

No Paraguai o chamariz é o comércio de produtos, possuindo um importante centro de compras, cuja movimentação de capital e de mercadoria é significativa.

Em relação à Argentina, a principal atração fica por conta da gastronomia local. Este turismo gastronômico tem sido fabricado por meio de pacotes de viagens, mídias sociais e revistas especializadas que destacam a consumação de jantares em Puerto Iguazú, regado à produtos específicos construídos como típicos (carne bovina, massa e vinho dessa nacionalidade), ou ainda visita nos comércios gastronômicos, empórios, adegas ou na Feirinha da Argentina para adquirir produtos locais como azeitonas, molhos prontos, vinhos, geleias, alfajores e doce de leite.

A facilidade de visitar três países em um só dia tem sido elaborada e colocada em prática por meio da oferta de pacotes de fim de semana ou feriados prolongados, sendo

<sup>1</sup>Dados da demanda turística de Foz do Iguaçu, realizado anualmente pela Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu.

<sup>2</sup>Corte de carne (contrafilé) que consagrou a Argentina como ícone do churrasco na gastronomia mundial.

utilizada como argumento de persuasão para a venda de produtos turísticos, mas é igualmente reproduzida nos discursos dos moradores da Tríplice Fronteira em situações cotidianas, como em encontros com amigos e familiares ou rodas de conversas informais.

Apesar disso, percebe-se facilmente que esta Tríplice Fronteira apresenta configurações e realidade complexas, constituindo um território que convive com muitas formas de fazer fronteiras, em que por trás dos discursos e memórias construídos podem ser observadas relações interculturais, econômicas, sociais e políticas que desencadeiam uma miscelânea de costumes, gostos e línguas que se misturam e (re) territorializam o espaço e provocam ambiguidades.

Uma dessas ambiguidades é observada por Welter (2018) em que o turista neste território prova não somente a hospitalidade, mas igualmente se insere em um ambiente de controle, ora simbólico quando cruza fronteiras permeáveis, ora palpável quando se depara com a inflexibilidade de alfândegas militarizadas e com controle parcial ou total do fluxo de pessoas.

Estas territorialidades turísticas são mais perceptíveis em localidades fronteiriças, pois são nas bordas que os fenômenos sociais são mais facilmente observados, conforme apontado por Martins (2009). Ainda que se trate de uma Tríplice Fronteira, este artigo discute a realidade entre Brasil e Argentina, por verificar uma peculiaridade do turismo gastronômico em Puerto Iguazú e a atuação efetiva da aduana argentina, que diferentemente da aduana brasileira, possui um mecanismo de controle mais rigoroso com abordagem durante o dia e à noite.

Para discutir estes temas, em termos metodológicos, optou-se pela revisão bibliográfica e observação participante realizada durante a coleta de dados de mestrado de uma das autoras. De forma complementar, para verificar como é retratado o turismo de Puerto Iguazú, utilizou-se da análise de dados disponíveis no *website* da prefeitura de Puerto Iguazú e em três reportagens de mídias eletrônicas brasileiras distintas, sendo estas um jornal nacional, uma revista especializada em turismo e uma revista de uma companhia aérea.

Objetiva-se, portanto, discutir como mecanismos de controle imbricados em relações de poder no território fronteiriço entre Argentina e Brasil podem gerar interferências ao turismo em Puerto Iguazú, e conseqüentemente em Foz do Iguaçu.

Apresentam-se, assim, retratos das aduanas Brasil – Argentina e seus mecanismos de controle, o turismo gastronômico em Puerto Iguazú e as conseqüências dos mecanismos de controle neste território.

## Metodologia

O ponto de partida para a abordagem deste tema de pesquisa se deu com a observação de resultados obtidos em campo, coletados de forma quantitativa – a partir de formulários durante a pesquisa de mestrado de uma das autoras no período de maio a agosto de 2017. A pesquisa em questão tinha o objetivo de levantar: a) dados

socioeconômicos sobre os turistas brasileiros que retornavam de Ciudad del Este e Puerto Iguazú; b) impressões sobre o controle realizado nas duas aduanas internacionais; c) a qualificação da hospitalidade e intenção de retorno a Foz do Iguaçu.

Durante a pesquisa em campo, surgiram diversas narrativas, que foram observadas e tomadas notas em diário de campo eletrônico pela autora que não foram analisadas anteriormente na pesquisa de cunho quantitativo. Neste momento analisam-se as narrativas coletadas nas aduanas entre Brasil e Argentina.

A pesquisa de campo pode reservar surpresas e, neste caso positivas, pois a contemporaneidade é dinâmica, ora referida como pós-moderna ou líquida, conduz à busca de ferramentas metodológicas diversas, aptas a construir um arcabouço teórico que perceba a fluidez como elemento constitutivo da realidade social do século XXI (Welter & Ruiz, 2018).

Para Marconi e Lakatos (2003) a observação consiste em uma técnica de coleta de dados que utiliza os sentidos da visão e audição, mas igualmente o exame dos fenômenos estudados. Dentro dos tipos de observação, a pesquisadora utilizou-se da observação participante, em que há o envolvimento com os sujeitos pesquisados com o objetivo de apreender e posteriormente analisar fatos e narrativas.

Além da observação participante foram trabalhados dados disponíveis no *website* da prefeitura de Puerto Iguazú e em três reportagens de mídias eletrônicas brasileiras distintas, sendo estas um jornal nacional, uma revista especializada em turismo e uma revista de uma companhia aérea, com o objetivo de aferir como é retratado o turismo de Puerto Iguazú.

A consideração da internet como um campo de pesquisa pode relacionar-se com o que preceitua Boaventura Sousa Santos (1989) sobre a necessidade de novos paradigmas no fazer científico, pois a realidade social contemporânea apresenta peculiaridades que requerem novos referenciais teóricos, mas igualmente métodos de pesquisa para sua compreensão, como a utilização da internet como um campo de pesquisa, pois “as mudanças sociais ocasionadas pelo advento da internet requerem dos cientistas sociais criarem novas maneiras de atuação e estudo de seus fenômenos de forma igualmente nova” (Soares, 2018, p.77).

Assim, além das informações obtidas através da pesquisa de campo e dos *websites* o presente trabalho baseou-se em Richards (2002), Stefanutti (2015) e Ribeiro-Martin e Silveira-Martins (2018) para refletir sobre questões simbólicas alimentares e turismo gastronômico; e Welter (2018), Foucault (2005), Grimson (2000) e Martins (2009) para as questões sobre fronteiras e relações de poder.

### **Retratos das aduanas Brasil – Argentina e seus mecanismos de controle**

Brasil e Argentina são interligados por uma ponte internacional, denominada de Ponte Tancredo Neves e popularmente conhecida como Ponte da Fraternidade, em que se pode contemplar a beleza das águas e o encontro dos três países com a união dos dois rios (Paraná e Iguaçu). As barreiras de contenção da ponte, de um lado contêm as cores

azul e branco e do outro, verde e amarelo. Cores que demarcam simbólica e sutilmente territórios. Ponte que une, mas que também delimita.

Entre a ponte, na chegada e/ou saída de cada um dos países encontra-se as aduanas, estruturas de controle, física e governamental, do movimento de entradas e saídas de cada um dos respectivos países. Porém, os controles são passíveis de alteração de acordo com interesses e poderes. Ao abordar o conceito de estados possíveis, Renoldi (2015, p. 420, tradução nossa) ressalta que: “toda a normatividade estatal é promovida a partir de coisas e de pessoas cujas ações podem reorientar o curso formal previsto, mesmo dentro da própria ordem administrativa e burocrática”.

Neste sentido, podemos analisar os interesses no passado e do presente de Puerto Iguazú. Na década de 1950 Puerto Iguazú atraiu pessoas do outro lado da fronteira interessadas em compras, principalmente de alimentos, roupas de couro e produtos industrializados não disponíveis no Brasil. Havia controle do fluxo de pessoas, mas não era rigoroso como nos dias atuais.

A partir da década de 1990 e principalmente após o atentado de 11 de Setembro de 2001 o controle passou a ser mais rigoroso e o turismo passou a ser o principal motivo que atrai moradores da região e turistas a se deslocarem para o lado argentino, para visitar as belezas das Cataratas do Iguazú, observar o pôr-do-sol na Avenida Costanera e jantar nos variados e icônicos restaurantes da cidade, ou ainda, comer uma empanada na Feirinha. Porém, desfrutar destes atrativos ou da culinária em Puerto Iguazú pode requerer tempo e paciência, pois diferente da aduana brasileira, a aduana argentina possui características exatamente opostas, mais endurecida, burocrática e impermeável.

Em períodos de feriados ou férias prolongadas passar pela aduana argentina pode custar de duas a três horas, pois todas as pessoas devem apresentar documentação aos servidores argentinos e aguardar o cadastro de cada pessoa, tanto na entrada quanto na saída da Argentina. Este controle ocorre 24 horas por dia e em todos os dias do ano. Após o cadastro pode ser requerida a averiguação do porta-malas dos veículos e, se a viagem for de ônibus, as bagagens vistoriadas.

Em caso de irregularidades como documentação emitida com data superior a dez anos, menores desacompanhados dos pais sem autorização judicial, ausência de seguro internacional do veículo, entre outros, sejam turistas ou moradores locais, devem retornar ao Brasil. Este trâmite reafirma a presença estatal na fronteira e demarca claramente o limite entre um país e outro.

Em relação ao trânsito de pedestres, este é quase nulo, pois tanto o bairro do lado brasileiro mais próximo como o centro da cidade de Puerto Iguazú são distantes das aduanas, o que contribui para que quase a totalidade das pessoas que cruzam a fronteira utilizem veículos (carros particulares, ônibus ou vans de turismo, motocicletas ou transporte coletivo). Isto colabora para a ocorrência de filas maiores devido à abordagem de todos os veículos que cruzam para Puerto Iguazú ou retornam desta cidade.



Segundo Dreyfus (2007, p.113, tradução própria) Puerto Iguazú se preocupa e investe muito em segurança: “A cidade registra baixas taxas de criminalidade e conta com uma forte presença de organismos federais (Força Nacional, Polícia Federal, Prefeitura Naval Argentina e órgãos de inteligência) ”.

Já na aduana brasileira a passagem é praticamente livre. Além da pouca sinalização e identificação, a ausência de fiscalização contribui para um cenário de dúvida e incerteza sobre o controle. Os moradores locais e turistas param para fazer o processo migratório por conta própria quando viajam além de Foz de Iguazu ou Puerto Iguazú. Em relação aos turistas, os que já possuem conhecimento prévio sobre o processo migratório ou os que estão acompanhados de agências de turismo param para preencher a documentação. Já os turistas que não se encaixam nestes dois grupos ou passam diretamente sem apresentar documentação ou descem dos veículos para perguntar como devem proceder, uma vez que há pouco efetivo de servidores públicos para prestar informações.

Outro agravante se trata dos turistas estrangeiros que cruzam esta fronteira de ônibus de transporte coletivo, pois precisam descer do ônibus para fazer o trâmite migratório, sendo avisados disso pelo motorista em língua espanhola. Devido à falha de comunicação, alguns turistas descem e outros não. Os que descem, fazem o trâmite migratório e depois precisam aguardar até a vinda do próximo ônibus da mesma companhia de transporte para seguir para Puerto Iguazú, o que pode levar uma hora ou mais. Os que permanecem no ônibus são informados na aduana argentina que terão que retornar à aduana brasileira para fazer a saída oficial do Brasil.

Estas situações demonstram que estes dois postos de passagem federais apresentam situações complexas e dissonantes que podem desconcertar as pessoas que por este território transitam, devido a contraditoriedade de uma aduana a menos de dois quilômetros da outra, apresentar um aspecto estatal regulador mais rígido, em que há controle total de pessoas (Puerto Iguazú), em oposição à aduana em Foz do Iguazu, em que há falta de informações visuais ou diretas pela falta de funcionários federais suficientes para realizar abordagem ou dar informações, agravados por falhas de comunicação.

Estas ambiguidades expressam outras faces do viver a fronteira, que podem ser menos perceptíveis do que uma linha física demarcada no solo em que impõe um limite, apresentando-se como uma fronteira imaterial. Sobre esse ir e vir, Renoldi (2015, p.421, tradução nossa) diz: “Esse movimento é pautado por contextos que não param de questionar a validade e a legitimidade dos procedimentos de controle e segurança, tão evidentes quanto vulneráveis, dos estados nacionais”.

Segundo Cardin e Albuquerque (2018) não se deve reduzir a fronteira a limites político-jurídicos, problema de segurança nacional ou tráfico de drogas, mesmo que estes assuntos sejam relevantes. Os autores frisam que os estudos sobre as fronteiras devem ultrapassar estes temas, pois estas podem ser compreendidas como: “territórios de oportunidades, de trânsitos, de intercâmbio cultural e de expressões identitárias” (Cardin & Albuquerque, 2018, p.119).

Neste sentido, o exercício do poder do Estado em nome da proteção da soberania nacional com intencionalidade de coibir a entrada de produtos ilícitos, terroristas e imigrantes traz consequências em outros âmbitos, como o impedimento da entrada de turistas. Configura-se, assim, um cenário em que ultrapassa a lógica da segurança nacional, pois os critérios utilizados não levam em consideração a realidade local, e selecionam quem está apto a adentrar ou não em seu território, no caso da aduana argentina, e em outros, causando confusão e estranhamento pela falta de informações.

### **Turismo gastronômico em Puerto Iguazú**

Com o crescimento da competição entre os destinos turísticos, a questão da cultura local tem-se tornado um diferencial e uma fonte cada vez mais valiosa de novos produtos e atividades para atrair turistas. Mesmo destinos consolidados buscam ampliar o leque de atrativos com o objetivo de aumentar a permanência do turista na localidade.

A gastronomia tem desempenhado um papel particularmente importante neste cenário, não só porque a comida é fundamental para a experiência turística, mas também porque a gastronomia tornou-se uma representação simbólica de identidade (Richards, 2002). Assim, visitar uma localidade é sinônimo de comer esse território, e se sentir parte do mesmo. É ir além do turismo de contemplação.

A música escuta-se, o livro lê-se, a dança vê-se, mas a comida come-se, ela se torna parte do próprio corpo, é o conceito de comer além do ato de nutrir-se. Neste sentido, a escolha dos comensais, que não é neutra, vem carregada de significados e de simbologias culturais (Stefanutti, 2015).

“Comer” outras culturas ocorre não apenas na cidade em que se vive, mas também em viagens. Provar a cultura e a gastronomia do outro pode se tornar o objetivo principal do deslocamento – o turismo gastronômico, que pode ser caracterizado por sua influência em questões locais, principalmente na econômica, gerada através de gastos cotidianos dos turistas. Já no âmbito sociocultural, a atividade turística pode fomentar o reaparecimento e/ou manutenção de receitas, modos de fazer e hábitos culturais da localidade ou de antepassados (Ribeiro-Martin & Silveira-Martins, 2018).

Sobre esse olhar para o passado, Renzo (2015) sinaliza que as operações de recuperação de costumes antigos, em termos gerais, promovem fenômenos de despertar folclórico e invenção de tradição, isto é, no caso da gastronomia, o discurso alimentar tem dado lugar a formas de “revivalismo gastronômico” voltado a resgatar gostos, sabores e hábitos alimentares “como aqueles do passado”. Um revivalismo que, no entanto, corre o risco de induzir muitos à má interpretação, ou em (auto) engano, que comendo alimentos e pratos locais podem reviver sabores antigos e perdidos dos quais sente falta.

Essa relação entre a gastronomia e a cultura local de países ou regiões específicas, se torna uma poderosa ferramenta de marketing do turismo. A autenticidade é vista como um importante aspecto do consumo turístico, e essa procura pelas comidas locais

ou regionais “autênticas” pode se tornar um motivo para visitar um destino específico (Richards, 2002). Muitos países e regiões em todo o mundo começaram a perceber isso e estão usando a gastronomia para comercializar-se, como é o presente caso de Puerto Iguazú.

Neste sentido, discute-se indícios desta vocação da cidade de Puerto Iguazú, através de informações contidas no *website* da prefeitura da cidade e em três reportagens de mídias eletrônicas brasileiras distintas, sendo estas um jornal nacional, uma revista especializada em turismo e uma revista de uma companhia aérea. Duas das reportagens abordam Foz do Iguazú como um destino turístico em que se incluem as duas cidades vizinhas. A terceira é direcionada especificamente ao turismo em Puerto Iguazú.

No *website* da prefeitura de Puerto Iguazú<sup>3</sup>, ao escolher a opção *Turismo* o usuário é direcionado a uma nova página interativa com menu próprio que contém fotos e vídeos dos atrativos, atividades nas Cataratas e na cidade, onde dormir, onde comer, agências de viagem, além de atrativos naturais, culturais, aventura, compras e lazer. Fica evidente também nesta página a gastronomia como experiência ao citar um restaurante em que turista pode preparar pratos argentinos como as famosas *empanadas* ou *lomo de novillo* (filé mignon de vitelo).

No item onde *comer*<sup>4</sup>, estão relacionados 29 estabelecimentos gastronômicos, divididos em sete tipologias conforme segue: *Restaurantes & Parrillas, Restobares, Pizzerías, Rotiserías, Comida Rápida, Cafeterías e Heladerías*. Todos os estabelecimentos possuem uma foto relacionada, o que torna o *website* interativo e chamativo.

No item *Passeios de Compras*<sup>5</sup> há a *Feirinha Iguazú*<sup>6</sup>, que segundo o *website*, conta com 70 estabelecimentos comerciais, sendo um lugar típico da cidade, que se pode relaxar e saborear queijos, azeitonas, presuntos crus e cozidos, além de comercializar vinhos, licores, embutidos, azeites, doce de leite e alfajor. Interessante notar que Foz do Iguazú não possui um espaço que vende o produto local tal como acontece na cidade *hermana*.

Vale ressaltar que a abertura do Mercado Municipal em Foz do Iguazú tem sido discutida intensamente nos últimos anos, cujo projeto executivo elaborado pelo Parque Tecnológico de Itaipu (PTI) obteve recentemente aprovação do orçamento, com previsão de inauguração no primeiro semestre de 2019 e contará com produtos coloniais da região como queijos, embutidos, além de artesanato do Brasil, Paraguai e Argentina (Grandi, 2018).

Para Richards (2002) o consumo de alimentos e bebidas não é apenas importante no destino turístico, mas também quando estes se tornam *souvenirs* desta determinada região, principalmente devido à questão econômica, por serem fáceis de transportar e

<sup>3</sup> Ver mais em: <<http://iguazu.gob.ar/>>.

<sup>4</sup> Ver mais em: <<http://iguazuturismo.gob.ar/gastronomia-en-iguazu/>>.

<sup>5</sup> Ver mais em: <<http://iguazuturismo.gob.ar/atractivos/paseos-de-compras/>>.

<sup>6</sup> Ver mais em: <<http://iguazuturismo.gob.ar/atractivo/feirinha-iguazu/>>.

por serem considerados úteis. Além de poderem promover, no retorno da viagem, momentos do compartilhar à mesa através destes produtos com amigos e familiares.

Destaca-se que mesmo não sendo a região de Puerto Iguazú uma produtora de vinho, encontra-se uma grande carta de rótulos de vinhos argentinos nas adegas na cidade. Além da importância cultural, pois Argentina e Chile estão entre os maiores e melhores produtores de vinho sulamericanos, a questão econômica também é um impulsionador, pois o peso argentino é desvalorizado em relação a moeda brasileira há anos e a carga tributária de bebidas no Brasil é de 60%. Portanto, comprar vinhos na Argentina é questão de tradição, qualidade, *status* e economia.

Em relação às mídias eletrônicas, pode-se verificar que na reportagem da Folha de São Paulo, o jornalista Naief Haddad diz que a cidade de Puerto Iguazú: “[...] não é exatamente charmosa. Mas vale a pena conhecê-la pelas atrações à mesa, ou seja, os restaurantes e as lojas de vinhos e conservas” (Haddad, 2018). A seguir ele sugere três restaurantes, ressaltando os pescados, carnes bovinas e vinhos e uma vinoteca da cidade. Além do destaque para a Feirinha de Puerto Iguazú e o relato de seus principais produtos, definindo este espaço como: “[...] símbolo da vocação da cidade para os bons pratos e quitutes” (Haddad, 2018, grifo próprio).

Já no Guia Viagem e Turismo da editora Abril, para a cidade de Foz do Iguaçu, no item restaurantes em Foz do Iguaçu, após citar três restaurantes da cidade brasileira, um de cozinha árabe, outro italiana e outro asiática, a reportagem continua na cidade argentina mencionando um restaurante e afirmando que do outro lado da ponte é onde estão: “[...] os melhores endereços para saborear carnes” (Foz do Iguaçu, 2015). Vale ressaltar ainda que das 34 fotos do álbum, apenas uma é referente à gastronomia, sendo uma foto de um prato: “*Bife de Chorizo* com Batatas, servido no restaurante El Jardín, do Hotel Casino Iguazu” (Foz do Iguaçu, 2015).

A próxima reportagem verificada é a da Revista da companhia aérea Azul, cujo destino turístico é a cidade de Foz do Iguaçu, novamente tratada como um destino único. Na Argentina além da descrição das Cataratas e do Parque Nacional, Reolom (2017) diz que apesar da cidade ser três vezes menor do que Foz do Iguaçu: “[...] reúne os melhores restaurantes da Tríplice Fronteira. Portanto, brasileiros e paraguaios estão acostumados a rumar para seu centro à noite em busca de uma *parrilla* e bons vinhos locais” (Reolom, 2017, grifo próprio). Dos pratos, a reportagem destaca o *bife de lomo* (filé mignon) ao molho *Malbec* e peixes da região, como o dourado grelhado com folhas verdes.

Já no item *onde comer*, além de dois restaurantes de Foz do Iguaçu, há a indicação de um restaurante argentino, cujo principal atrativo é a grande *parrilla* localizada do lado de fora do estabelecimento, sendo o carro-chefe o *bife de chorizo* (miolo do contrafilé) (Reolom, 2017).

Após estas análises pode-se afirmar que a “vocação” enogastronômica da cidade é consolidada em mídias especializadas ou não, e condiz com o *website* da prefeitura de Puerto Iguazú, o que corrobora com o conceito de turismo gastronômico de Ribeiro-Martin e Silveira-Martins (2018, p.200), sendo uma: “[...] oportunidade para o

desenvolvimento local e regional com ações que já são tradicionalmente executadas, porém muitas vezes pouco divulgadas, como pratos típicos elaborados a partir de receitas e ingredientes específicos”. Porém, ressalta-se que o turismo gastronômico nesta região de fronteira possui questões particulares que são alteradas também por mecanismos de controle, mais ou menos rígidos.

A seguir são destacadas algumas consequências dos mecanismos de controle das aduanas, que demonstram como o turismo, neste caso gastronômico, pode ser prejudicado quando a possibilidade do ir e vir é colocada em jogo.

### **As consequências dos mecanismos de controle**

As ambiguidades permanentes nas aduanas entre Brasil e Argentina causam diversas impressões ao turista que transita por este território fronteiriço. O fato do turista estar de passagem não permite que este perceba as dinâmicas fronteiriças que fazem parte do cotidiano de quem vive na fronteira. Ou seja, não são perceptíveis os micro poderes e táticas que poderiam ajudá-los a ter uma experiência diferenciada na fronteira.

A rigidez de controle nas fronteiras pode revelar a imposição dos interesses estatais sobre os interesses pessoais dos seres humanos, pois “é a esfera da política que decidirá se o Estado irá incentivar ou dificultar o intercâmbio com os vizinhos” (Furquim, 2007, p.126). As trocas culturais e as relações sociais dos sujeitos fronteiriços podem ser prejudicadas ou aproximadas de acordo com as políticas de segurança de fronteira, que podem causar interferências no cotidiano da comunidade e demais pessoas que transitam por territórios fronteiriços, como os turistas.

Exemplos das dinâmicas fronteiriças observadas em campo não faltam, e a primeira diz respeito ao tempo para atravessar a fronteira. No feriado nacional brasileiro de *Corpus Christi* em 2017 a fila era enorme, o que demandou paciência e tempo para que os turistas pudessem cruzar a fronteira para ir à Puerto Iguazú. Uma turista reclamou que conseguiu cruzar a fronteira para ir à cidade fronteiriça argentina apenas na terceira tentativa e outra afirmou ter ficado na fila por três horas.

Porém, apesar das reclamações dos turistas sobre o tempo de travessia, quando questionados sobre o controle, a maioria respondeu se sentir indiferente, o que sugere a naturalização do controle (Foucault, 2005). No máximo advertiram que os atendentes da aduana deveriam ser mais ágeis ou que deveriam ter mais guichês para tornar o atendimento mais rápido e diminuir o tempo de espera na fila.

No que diz respeito à porosidade e a rigidez nas aduanas analisadas, constatou-se com a pesquisa que o controle é desejado pelos turistas como instrumento que proporciona sensação de segurança. Essa afirmação também encontra respaldos na constatação do estranhamento da ausência de controle na aduana brasileira, o que sugere que os turistas acreditam que deveria haver maior investimento para aumentar o controle, uma vez que a aduana brasileira se encontra em situação de abandono (Welter, 2018).

A naturalização do controle se reflete na docilidade dos corpos e da mente segundo Foucault (2005), e prejudica a consideração de alternativas que podem facilitar a livre circulação de pessoas entre essas fronteiras. Esta barreira impede que as trocas sociais e culturais entre moradores desta região fronteiriça aumentem, pois diferentemente do passado, em que os brasileiros se deslocavam para a Argentina em busca de produtos mais baratos e diversificados, não disponíveis no Brasil, na atualidade não há esta necessidade e os sujeitos simplesmente deixam de ir quando encontram burocracias, filas, entraves alfandegários, que dirá hostilidade ao cruzar a fronteira.

O turista está alheio a estas dinâmicas fronteiriças e pode ter sua experiência marcada por questões ambíguas, contraditórias e negativas, mesmo que o controle esteja naturalizado. A burocracia e os entraves podem gerar sentimentos de frustração com a perda de tempo em filas que poderia ser utilizado para visitar mais atrativos turísticos ou no relacionamento com a comunidade local, por exemplo.

Como mencionado anteriormente, os turistas que participaram desta pesquisa demonstraram estranhamento e questionamentos acerca do papel do Estado brasileiro em relação à ausência de fiscalização na aduana brasileira. Inclusive, alguns sugeriram que os argentinos deveriam ser fiscalizados no Brasil, como os brasileiros são fiscalizados na Argentina.

Tanto as situações que ocorrem na aduana ou no cotidiano das cidades fronteiriças representam reflexos das leis impostas pelo Estado. Este estado não possui uma figura palpável, mas se faz presente no sujeito que o representa na barreira, no bloqueio, na alfândega, que ao agir contribui para ressignificar as fronteiras, pois estas são elásticas, flexíveis e moldadas pelas relações sociais.

Grimson (2000) enfatiza que há um mito compartilhado, comum a muitas regiões fronteiriças, que deve ser considerado com precaução, de que "a fronteira não existe", que "estamos integrados desde sempre" (Grimson, 2000, p.9). Apesar desta impressão dos atores, é possível que a fronteira exista para algumas coisas e não exista para outras, segundo este autor.

A ambiguidade no controle observada nas aduanas de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú não é um caso isolado. Grimson (2002), por exemplo, analisou as percepções e imagens de brasileiros e argentinos na fronteira entre Paso de los Libres, província de Corrientes e a cidade de Uruguaiana, estado do Rio Grande do Sul e observou a mesma rigidez de controle na aduana argentina e permeabilidade na aduana brasileira.

Para Grimson (2002) este tipo de relacionamento social é tolerado ou não de acordo com a necessidade dos que aceitam submeter-se, pois precisam cruzar a fronteira constantemente para trabalhar ou para aproveitar preços mais baixos do lado de lá. Porém, muitas pessoas “decidiram que já não tem mais por que se submeter a essa política cotidiana” (Grimson, 2002, p.183).

A rigidez do controle é capaz de produzir uma multiplicidade de fronteiras simbólicas, que muitas vezes “implica viver na fronteira sem viver a fronteira” (Grimson, 2002, p.184). O viver, neste caso, não se refere apenas aos moradores de

territórios fronteiriços, mas igualmente todos os que transitam por ela, como os turistas, que estão em condição desprivilegiada por desconhecerem as dinâmicas fronteiriças que os moradores, por vezes, podem estar habituados a presenciar fisicamente ou por relatos. Exemplo disso é o caso de uma turista que relatou ter permanecido três horas na fila para ir ao *Dutty Free Shop*, localizado antes da aduana de Puerto Iguazú e apenas próximo da entrada descobriu que, por convenções sociais, poderia ter transitado pelo acostamento para chegar até o local.

É nestes espaços fronteiriços, de disputas, “privilegiado da observação sociológica e do conhecimento sobre os conflitos e dificuldades próprios da constituição do humano” (Martins, 2009, p.10) que se apresentam conflitos devido a interesses e relações de poder de diversos atores no tempo e espaço. Um exemplo que ilustra um dos conflitos existentes foi um turista brasileiro enfurecido que esbravejava sobre a cobrança de uma espécie de pedágio para sair de Puerto Iguazú e que, ao questionar um cupom ou nota fiscal, foi hostilizado pelos argentinos, que segundo ele, estavam sem uniforme ou crachá de identificação.

Estes exemplos e discussões revelam que a maneira como os sujeitos sociais enxergam a realidade e relacionam-se com o “outro” reproduz o Estado em suas práticas cotidianas, como os policiais da alfândega argentina, que reterritorializam as relações sociais nas fronteiras ao manifestarem a austeridade que impera no Estado centralizador em suas práticas diárias.

Esta postura de maior controle de fluxos transfronteiriços pode ser entendida como um esforço disciplinador do Estado em barrar a entrada de pessoas mal-intencionadas, como traficantes, contrabandistas ou terroristas, mas igualmente objetiva coibir maneiras aceitas socialmente por determinadas pessoas como legais e que caracterizam exatamente o oposto – o ilícito, como o contrabando de mercadorias.

Vale ressaltar que de forma complementar, mas não menos importante, outras dinâmicas estão envolvidas quando se reflete sobre o controle internacional de fluxos de pessoas, como os brasileiros que questionam o papel do Estado e disseram que deveria haver fiscalização dos argentinos e até a qualificação da aduana brasileira em estado de abandono.

### Considerações finais

As regiões de fronteira são lugares de produção de sentidos, relações, representações, alteridades e identidades. Esta miscelânea contribui para trocas culturais, mas também para formas de discriminação e estereótipos (Cardin & Albuquerque, 2018), e, nos casos citados neste estudo - confusão, estranhamento e desorientação dos turistas, que vivem além de uma dicotomia, um paradoxo quando decidem cruzar a fronteira.

Dicotomia encontrada também na atuação dos dois aparelhos de controle do estado localizados entre os dois países, pois enquanto a aduana brasileira é flexível e

porosa, a aduana argentina é rígida e sólida, ficando evidente que os controles são passíveis de alteração de acordo com interesses e poderes.

Estas divergências podem confundir e conseqüentemente frear ou suprimir o desenvolvimento do turismo, face aos desdobramentos das burocracias, regras e legislações internacionais, inerentes ao processo de fiscalização e controle de fronteira, criando e recriando novas territorialidades.

Por outro lado, demonstrou-se através do *website* da prefeitura da cidade Puerto Iguazú e de três reportagens de mídias diversas, que o turismo gastronômico na referida cidade é consolidado como atrativo da Tríplice Fronteira, verificando também que os alimentos e bebidas vão além das fronteiras e se configuram como *souvenirs*, como símbolos daquele território, como é o caso do vinho argentino. Porém, este turismo depende de outras questões que podem parecer imperceptíveis, como o próprio deslocamento até a localidade, devido a austera fiscalização na aduana argentina.

Foram levantados alguns dados que podem influenciar negativamente neste turismo enogastronômico que são conseqüências dos mecanismos de controle, como: a insatisfação com a espera nas filas, ocasionando frustração e desistência; discursos de que deveria ser solicitada documentação dos argentinos na aduana brasileira, como aos brasileiros são solicitados na aduana argentina; cobrança de taxas para sair de Puerto Iguazú na aduana argentina, sendo que este último suscita questionamentos que podem ser abordados em futuras pesquisas.

As limitações dessa pesquisa se devem ao fato de que o turismo gastronômico nessa região não era um assunto principal da pesquisa maior que derivou esse trabalho. Supõem-se que, se tivessem ocorrido perguntas específicas referentes ao turismo gastronômico e a relação com os mecanismos de controle, haveriam outros dados a serem trabalhados e discutidos.

Dentre os exemplos apresentados neste estudo, afirma-se que as relações sociais fronteiriças não são únicas, ocorrem em diversos pontos dos Estados-nações, mas tornam-se mais perceptíveis de serem observadas em regiões de fronteira, principalmente quando observados os mecanismos de controle. Isto porque a presença ou ausência do controle de pessoas em aduanas pode interferir diretamente nas atividades econômicas, como foi observado no turismo gastronômico de Puerto Iguazú.

Assim, estudar o turismo gastronômico em uma região de fronteira deve ser um ato interdisciplinar. E espera-se contribuir com reflexões sobre a realidade fronteiriça, assim como embasar estudos nessas áreas.

Como futuras linhas de pesquisa, pretende-se aprofundar essas discussões iniciais, entrevistando comerciantes de estabelecimentos gastronômicos (restaurantes, bares, empórios, adegas e Feirinha da Argentina) de Puerto Iguazú, para verificar qual a percepção deles sobre os mecanismos de controle das aduanas e se eles sentem que isso interfere na movimentação econômica do estabelecimento e do turismo gastronômico da cidade.



## Referências

- Cardin, E.G. & Albuquerque, J.L.C. (2018). Fronteiras e deslocamentos. *Revista Brasileira de Sociologia*. 06 (12), 114 – 131. Recuperado em 2 julho, 2018, de <http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/236/175>
- Dreyfus, P. (2007) La Triple Frontera. Zona de encuentro e desencuentros. In F.R. Hofmeister & L.G. Solis (Orgs.). *La percepción de Brasil en el contexto internacional: perspectivas y desafíos*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer-Stiftung.
- Feirinha Iguazú. Recuperado em 20 junho, 2018, de <http://iguazuturismo.gob.ar/attractivo/feirinha-iguazu/>
- Foucault, M. (2005). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. (M. E. Galvão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1976).
- Foz do Iguaçu. (2015). *Viagem e Turismo*. Recuperado em 26 abril, 2018, de <https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/foz-do-iguacu/>
- Furquim, L., Jr. (2007). *Fronteiras terrestres e marítimas do Brasil: um contorno dinâmico*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil.
- Iguazú Turismo. Recuperado em 02 julho, 2018, de <http://iguazuturismo.gob.ar/>
- Gastronomía. Recuperado em 28 junho, 2018, de <http://iguazuturismo.gob.ar/gastronomia-en-iguazu/>
- Grandi, G. (2018). Foz do Iguaçu terá Mercado Municipal com 70 boxes e praça de eventos. *Gazeta do Povo*, Foz do Iguaçu, 20 mar. 2018. Recuperado em 12 maio, 2018, de <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/turismo/mercado-municipal-de-foz-do-iguacu-tera-produtos-do-brasil-argentina-e-paraguai/>
- Grimson, A. (2000). “Introducción” en *Fronteras, naciones e identidades*. Buenos Aires: Ciccus-LaCrujia.
- Grimson, A. (2002). Vivências do Estado como Alteridade: Imagens cruzadas na fronteira argentino-brasileira. In A. Frigerio & G.J. Ribeiro (Orgs.). *Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*. Petrópolis: Vozes.
- Haddad, N. (2018). Puerto Iguazú surpreende com restaurantes ecléticos e adegas fartas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 jan. 2018. Recuperado em 12 julho, 2018, de <https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2018/01/1949394-puerto-iguazu-surpreende-com-restaurantes-ecleticos-e-adegas-fartas.shtml>
- Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas (2014). Secretaria Municipal de Turismo. Foz do Iguaçu.
- Marconi, M.A. & Lakatos, E. M. (2017). *Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa / pesquisa bibliográfica/ teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso*. 8. ed. São Paulo: Atlas.
- Martins, J. S. (2009). *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto.
- Paseos de Compras. Recuperado em 02 julho, 2018, de <http://iguazuturismo.gob.ar/attractivos/paseos-de-compras/>

- Renoldi, B. (2015). *Estados posibles: travesías, ilegalismos y controles en la Triple Frontera*. *Etnográfica*[Online], 19 (3), 417-440. Recuperado em 20 agosto, 2018, de <file:///C:/Users/Dell/Downloads/etnografica-4049.pdf>
- Renzo, E. di (2015). *Mangiare l'autentico: Cibo e alimentazione tra revivalismi culturali e indústria della nostalgia*. (2a ed.). Roma: UniversItalia.
- Reolom, M. (2017). Foz do Iguaçu: Espetáculo da natureza. *Azul Magazine Digital*, ed.46. Recuperado em 15 junho, 2018, de <http://www.azulmagazinedigital.com.br/espetaculo-da-natureza-edicao-46/>
- Ribeiro-Martin, C.S. & Silveira-Martins, E. (2018). Turismo gastronômico: uma pesquisa bibliométrica em bases de dados nacionais e internacionais. *Turismo, Visão e Ação*. 20, (1) 184-208. Recuperado em 10 junho, 2018, de <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/12162/7034>
- Richards, G. (2002). Gastronomy: an essential ingredient in tourism production and consumption? In A. Hjalager & G. Richards, G. (Eds.) *Tourism and Gastronomy*. London: Routledge.
- Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. 3ª ed. São Paulo: Graal.
- Soares, S.S.D. (2018). *As faces da amizade no Facebook: semblantes da sociabilidade contemporânea*. Belo Horizonte: PUC Minas.
- Souza, A. D. (2009). *Formação econômica e social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil.
- Stefanutti, P. (2015). *Do couvert ao café: pescadores, memórias e comidas*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu-PR, Brasil.
- Welter, V. S. (2018). *A hospitalidade e o controle na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina sob a perspectiva do turista brasileiro*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu-PR, Brasil.
- Welter, V.S. & Ruiz, M. (2018). *Ativação de um patrimônio cultural e suas relações de poder: Um olhar a partir da Feirinha da JK em Foz do Iguaçu*. Apresentação no Seminário Internacional sobre Preservação do Patrimônio Cultural no Território Trinacional, Foz do Iguaçu, PR, Brasil.